

ROSARIA ONO



**O NOVO MUSEU DO IPIRANGA NO  
BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL**

SÃO PAULO  
2022

# **O NOVO MUSEU DO IPIRANGA NO BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL**

Rosaria Ono<sup>1</sup>  
Solange Ferraz de Lima<sup>2</sup>

## **Resumo**

Este artigo tem como objetivo apresentar uma breve história do Museu Paulista e de sua sede, que foi instalada no edifício-monumento, construído para marcar a memória da Independência no sítio onde foi proclamada. Trata-se, portanto, de um lugar de memória, mas que também abriga um museu de história. Celebração e reflexão crítica sobre a sociedade brasileira convivem nesse importante espaço, cuja comemoração do Bicentenário, em 2022, é motivo desta publicação especial. São apresentadas, também, as ações tomadas nos últimos anos, visando ao restauro e à modernização de sua sede para as comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil.

## **1. Introdução**

Para se falar do projeto do Novo Museu do Ipiranga e apresentar as ações que estão sendo desenvolvidas e que nortearão a sua atuação nos próximos anos, é necessário que seja descrito o caminho trilhado para se chegar até aqui. Discutiremos o assunto seguindo tanto o caminho da produção do edifício, quanto da constituição do seu acervo.

Ressaltamos que, assim como toda a instituição instalada numa edificação que não foi projetada para receber um museu e que tem valor histórico, o fator edifício é de grande relevância na vida dessa instituição, como é o caso do Museu Paulista, e também de tantos outros, como o Museu do Louvre e o Museu Nacional do Rio de Janeiro, este tristemente afetado por um grande incêndio em setembro de 2018. No caso do edifício-monumento, foi a necessidade de promover grandes intervenções físicas que justificou a decisão por seu fechamento à visitação pública, em 2013, quando teve início o processo que resultou no projeto do Novo Museu do Ipiranga.

Destacamos que não faremos uma revisão histórica detalhada da vida do Museu Paulista, dado que o tema é tratado de forma aprofundada por vários autores, como Elias (1996), Barbuy (1997) e Oliveira (2011), entre outros, mas, sim, recorreremos a uma breve retrospectiva de sua trajetória para embasar as decisões tomadas no projeto do Novo Museu do Ipiranga.

## **2. A construção do Monumento nas colinas do Ipiranga e os desafios de sua transformação em um edifício de museu**

A história do edifício da sede do Museu Paulista se inicia num período de transição política entre o regime do Império e da República no Brasil.

Desde os primeiros anos que se seguiram à proclamação da independência, havia um desejo de marcar o local deste ato, com a construção de um monumento nas colinas do bairro Ipiranga, que, no final do século 19, ainda era um local desabitado e afastado do núcleo da cidade de São Paulo. Houve várias tentativas de organização de concursos e planos para o monumento ao longo dos anos, desde a instalação do primeiro marco no local em 1825, assim como manifestações de interesse do imperador D. Pedro II, que visitou o local em 1846, relatadas, respectivamente, por Flynn (1990) e Guilhotti, Lima e Meneses (1990), Toledo (1990) e São Paulo (2004).

Finalmente, em 1885, iniciam-se as obras de construção de um edifício-monumento, projetado pelo engenheiro e arquiteto italiano Tommaso Gaudenzio Bezzi (1844-1915) e executado pelo mestre de obras

---

1 Diretora do Museu Paulista da Universidade de São Paulo (gestão 2020-2024)

2 Docente e ex-Diretora do Museu Paulista da Universidade de São Paulo (gestão 2016-2020)

também italiano Luigi Pucci (GUILHOTTI, LIMA e MENESES, 1990; LEMOS, 1990). A construção se tornou possível graças à criação de uma loteria, em 1880, para arrecadação de recursos financeiros junto à população, liderada pelo Conselheiro Joaquim Inácio Ramalho (1809-1902), posteriormente Barão de Ramalho, professor de direito e político atuante nas então províncias de São Paulo e de Goiás.

O edifício-monumento idealizado por Bezzi tem como objetivo marcar o local da proclamação da independência, sendo previsto como único objeto a ser apreciado no seu interior o quadro “Independência ou morte”. Essa pintura foi encomendada pelo conselheiro imperial José Inácio Ramalho, então presidente da Comissão do Monumento do Ipiranga, ao pintor brasileiro Pedro Américo de Figueiredo e Melo (1843-1905), em 1886, e foi entregue em 1888 (figura 1).

O edifício-monumento é a primeira grande estrutura em alvenaria de tijolos em São Paulo que trouxe consigo o emprego de técnicas e estilo europeus, em uma cidade onde ainda predominavam as técnicas vernaculares, de construção em taipa. Essa obra fomentou tanto a criação de fornecedores locais de vários materiais básicos de construção, como também a formação de mão de obra para uma cidade em crescimento (LEMOS, 1990).



Figura 1 – Independência ou morte! (Pedro Américo de Figueiredo e Melo, 1888)

A obra foi dada como concluída em 1890, após reformulação do projeto arquitetônico, que reduziu duas alas previstas no projeto original. A proclamação da república, em 1889, criou um impasse em relação ao destino do edifício-monumento, já que ele representava um projeto de memória da trajetória do regime imperial, ora destituído.

A solução para o impasse foi transformar o edifício-monumento na sede do Museu Paulista, em 1893. A partir de 1894, os acervos são transferidos para o edifício.

Do ponto de vista arquitetônico, o edifício-monumento do Ipiranga é a primeira grande estrutura de arquitetura eclética construída na cidade de São Paulo (figura 2). Essa condição, associada à importância do projeto urbanístico de sua envoltória, desenvolvido nas primeiras décadas do século 20, para as comemorações do Centenário da Independência, levou todo o conjunto a ser tombado nas três instâncias de proteção do patrimônio histórico e artístico – municipal (1991), estadual (1975) e federal (1998). Esse projeto urbanístico é constituído pelo Parque da Independência (figura 3), que inclui o Jardim Francês à frente do Museu, o Monumento à Independência, a Casa do Grito e o bosque criado atrás do Museu.

Mesmo com as transferências de acervos para outras instituições, ocorridas ao longo de sua história, os problemas decorrentes da falta de espaço e de adequação às funcionalidades de um museu não foram solucionados. O edifício passou por várias adaptações e reformas que tiveram consequências das mais diversas em sua integridade física, sendo que as mais ousadas, como a abertura do espaço do subsolo para ocupação por acervos, equipes e instalações sanitárias, iniciadas na década de 1940, resultaram em manifestações patológicas e estruturais graves. Além disso, outra demanda que surge, a partir da década de 1990, é a da necessidade de acessibilidade física do edifício para pessoas com deficiência.



Figura 2 – Paisagem do Campo do Ipiranga (Antônio Diogo da Silva Parreira, 1893)

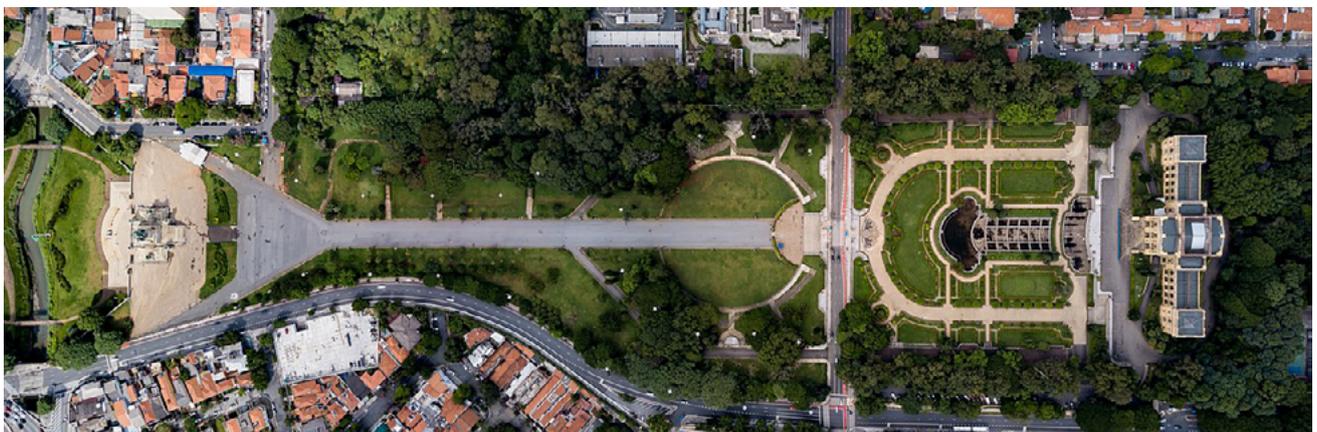


Figura 3 – Parque da Independência – Vista aérea

Nesse sentido, alguns projetos de adequação já haviam sido propostos nos primeiros anos do século 21, sem sucesso. Segundo Ferroni et al. (2020, p. 9):

Em 2004, a direção do Museu [...] e sua equipe de docentes e especialistas iniciaram uma série de discussões que seria o ponto de partida de um longo processo de recuperação do Museu.

Entre 2005 e 2010, a Comissão de Espaço Físico instituída no Museu [...] coordenou a produção de um programa de necessidades das áreas técnicas, os estudos de massas arquitetônicas para a ampliação do Museu e a tramitação do projeto nas instâncias da Universidade e esferas governamentais [...].

Porém, em 2013, sob a direção da Profa. Sheila Walbe Ornstein (gestão 2012-2016), docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, o edifício no Ipiranga foi fechado ao público. O edifício vinha sofrendo, havia tempos, com as intervenções realizadas ao longo do século 20, agravadas pela falta de uma política

de manutenção preventiva, além do não atendimento às regulamentações que comprometia a segurança do acervo, do edifício e de seus ocupantes.

### 3. Do Museu do Estado ao Museu Paulista da USP

Em 1891, foi criado, pelo recém-formado governo republicano do Estado de São Paulo, o Museu do Estado, da junção de dois importantes acervos, a saber: o acervo público do Museu Provincial da Associação Auxiliadora do Progresso de São Paulo e o acervo privado de zoologia e antiguidades do Coronel Joaquim Seratório, adquirido pelo Conselheiro Francisco de Paula Mayrink e doado ao Estado em 23 de dezembro de 1890 (LOPES; FIGUEIRÔA, 2003; ELIAS, 1996).

Segundo Elias (1996), a coleção do Museu do Estado ficou sob a gestão da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, até que o governo estadual resolveu incorporá-lo ao edifício do Ipiranga, formando, assim, o Museu Paulista, em 1893 (SÃO PAULO, 1893a). A lei que a criou também estabeleceu, em seus parágrafos do artigo 4o, que, além de abrigar a coleção do Museu do Estado, o edifício deveria instalar em suas dependências não utilizadas:

...o quadro de Pedro Américo, comemorativo da Independência, e por outros assuntos de história pátria, adquiridos ou oferecidos ao Estado;  
... estátuas, bustos ou retratos a óleo de cidadãos brasileiros que em qualquer ramo de atividade tenham prestado incontestáveis serviços à Pátria e mereçam do Estado a consagração de suas obras ou feitos e a perpetuação da sua memória.  
São Paulo (1893a, artigo 4º)

Em seguida, estabeleceu-se uma nova estrutura para a gestão do Museu Paulista (SÃO PAULO, 1893b), assim como foi instituído, posteriormente, o seu primeiro regulamento (SÃO PAULO, 1894), saindo, então, da gestão da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo.

Esse regulamento estabelecia, entre outras questões, os objetivos do Museu e as características de seu acervo, de onde se destaca:

Artigo 2º - O caracter do Museu em geral será o de um museu Sul-Americano, destinado ao estudo do reino animal, de sua história zoológica e da história natural e cultural do homem. Serve o Museu de meio de instrução pública e também de instrumento científico para o estudo da natureza do Brazil e do Estado de S. Paulo, em particular.  
Artigo 3º - Além das coleções de ciências naturais: -zoologia, botânica, mineralogia, etc.- haverá no Muséu uma seção destinada à História Nacional e especialmente dedicada a colleccionar e arquivar documentos relativos ao periodo de nossa independência politica.  
São Paulo (1894)

O primeiro diretor do Museu Paulista foi o médico e zoólogo alemão Hermann Friedrich Albrecht von Ihering (1850-1930), que assumiu em 15 de janeiro de 1894 e se encarregou da transferência do acervo do Museu do Estado para o edifício-monumento, para a inauguração no ano seguinte. O Museu Paulista é aberto em 7 de setembro de 1895, com todo o seu pavimento térreo ocupado por salas de estudos e laboratórios, e o pavimento superior dedicado às exposições.

#### 3.1 As primeiras décadas do Museu Paulista do Ipiranga

Hermann von Ihering atuou como diretor do Museu Paulista por 22 anos (1894 a 1916). Ele foi responsável por organizar o Museu Paulista como um museu de História Natural e por organizar as coleções de Ciências Naturais, Etnografia, Arqueologia e Antropologia, além de estimular a pesquisa e as expedições científicas pelo Brasil afora, que resultaram em publicações científicas e no intercâmbio de espécies coletadas com diferentes museus em formação no Brasil e no exterior (LOPES; FIGUEIRÔA, 2003).

O segundo diretor do Museu Paulista foi Affonso D'Escagnolle Taunay (1876-1958), historiador, escritor, professor na cátedra de Física Experimental da Escola Politécnica de São Paulo e membro da Academia Brasileira de Letras, entre outras atuações. Taunay se encarregou dos preparativos do Museu Paulista para as comemorações do Centenário da Independência em 1922, aproveitando essa oportunidade para fortalecer a

Seção de História do Museu, onde, até então, predominavam as seções relacionadas às ciências naturais. Guilhotti, Lima e Meneses (1990, p.11) resumem esse momento como segue:

Quando em fins de 1916 assume a direção o politécnico transmutado em historiador, Affonso de Escragnole Taunay, há uma alteração de prumo que não se deve apenas ao novo domínio profissional. São Paulo, fortalecido pelo café, pela imigração, pela industrialização incipiente e se tornando uma metrópole local, tem projeto político hegemônico na República Velha, que precisa ser legitimado e simbolicamente compartilhado. Taunay vai não somente instalar uma Seção de História (com a qual compensará o “descaso de cientista” que o precedera), mas, valendo-se da oportunidade dos festejos do 1º Centenário da Independência, em 1922, monta, com o edifício, uma alegoria histórica, dando-lhe eficácia enquanto memorial. No entanto, se o *liet-motiv* [sic] permanece a Independência, o Museu é, agora, verdadeiramente paulista. Crucial nesse processo é o miolo do bandeirante, que o Museu Paulista vai topicamente definir e cristalizar ideológica e visualmente.

Taunay foi o responsável pela narrativa expográfica baseada em pinturas e esculturas dos espaços que compõem o que é hoje denominado Eixo Monumental, que se inicia no saguão de entrada do Museu, segue pela escadaria monumental e termina no Salão Nobre, onde se encontra o quadro “Independência ou morte”. Nesses locais, já existiam nichos e pedestais, deixados pelo arquiteto Bezzi, que foram então preenchidos por esculturas e pinturas de personagens e episódios históricos, cujas obras foram encomendadas por Taunay a vários artistas durante sua gestão, que foi a mais longeva da história do Museu Paulista: 28 anos (de 1917 a 1945). Nesse período, ampliam-se os estudos referentes ao caráter da sociedade brasileira e à disciplina de História, reforçada pela criação do Museu Republicano Convenção de Itu, braço do Museu Paulista na cidade de Itu, inaugurado por Taunay em 1923, no sobrado onde foi realizada a primeira convenção republicana do Brasil, em 1873 (OLIVEIRA, 2011).

### **3.2 O acervo do Museu Paulista ao longo do século 20**

Ocupar um edifício projetado originalmente para ser um monumento, e não um museu, trouxe, desde o início, enormes desafios aos seus sucessivos diretores. Além disso, ao longo do século 20, o acervo do Museu Paulista cresceu significativamente com novas aquisições, acompanhando o ritmo das pesquisas das ciências naturais, etnologia e história do Brasil.

Já no início do século 20, parte de seu acervo de pinturas foi transferido para a criação da Pinacoteca do Estado. No fim da década de 1920, o acervo botânico foi transferido para o recém-criado Instituto Biológico, e, no fim da década de 1930, o expressivo acervo de zoologia foi transferido ao Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura (GUILHOTI e LIMA, 1990). Ainda durante o mandato de Taunay, em 1934, na criação da Universidade de São Paulo, o Museu Paulista, assim como outros institutos especializados do Estado, como o Instituto Butantã, é declarado instituto complementar à Universidade de São Paulo (OLIVEIRA, 2011).

Outra mudança significativa no século 20 foi a transferência do próprio Museu Paulista da Secretaria da Educação para a Universidade de São Paulo, em 1963.

Em 1989, foi a vez de os acervos de etnologia e arqueologia pré-histórica do Museu Paulista formarem a base para o Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, sendo transferidos para um edifício no campus Butantã da universidade com esse objetivo.

### **3.3 Um museu de História especializado em cultura material**

Na década de 1990, o professor Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes, então diretor do Museu Paulista, redefine a sua vocação, que passou a ser a História da Cultura Material, com foco na sociedade brasileira. As linhas de pesquisa instituídas no Plano Diretor do Museu – Cotidiano e Sociedade, História do Imaginário e Universo do Trabalho – constituíam áreas prioritárias para o desenvolvimento de estudos de cultura material e alinhavam-se com as tendências da produção da História, de modo a aprofundar a perspectiva crítica das pesquisas que se realizavam na instituição.

O caráter dos acervos a serem adquiridos pelo Museu Paulista também se alterou ao longo desse processo. A política de aquisição de coleções definida no Plano Diretor passa a respeitar as diretrizes das linhas de pesquisa instituídas com a preocupação de garantir uma maior representatividade dos diversos segmentos

sociais e culturais.

No período em que o museu esteve fechado para a visita pública, as equipes promoveram uma ampla revisão do papel desse museu universitário. O programa de exposições foi revisto e ampliado, absorvendo as recentes pesquisas realizadas nas instituições e mobilizando os novos acervos adquiridos. A política de acessibilidade, que já era uma preocupação das ações educativas desenvolvidas no museu desde 1990, ganhou maior relevância e se tornou uma premissa fundamental do programa expositivo e arquitetônico do Novo Museu do Ipiranga. O desenvolvimento de projetos multidisciplinares, mobilizando outras unidades da Universidade de São Paulo, permitiu redimensionar a importância dos museus na universidade como espaços de pesquisa e extensão à comunidade.

#### 4. O Projeto Novo Museu do Ipiranga

Importantes decisões e ações institucionais foram tomadas nos anos que se seguiram ao fechamento, com base em um plano elaborado pelas equipes do Museu Paulista e da Reitoria da Universidade de São Paulo.

Em 2017, estabeleceu-se o Plano de Modernização do Museu Paulista, dividido em duas etapas. A primeira etapa, de Restauração e Modernização do edifício do Ipiranga, envolvia o projeto, as obras de restauração e ampliação do edifício e a implantação de novas exposições, financiadas por meio de recursos captados na iniciativa privada. O plano previa a reabertura do Museu em 2022, inteiramente renovado em suas instalações e adequado às novas normas de acessibilidade e segurança. Para isso, previu-se a qualificação dos espaços para uso público, de modo a atender à diversificação e atratividade dos seus programas educativos e expositivos, além de uma área de acolhimento, com loja e cafeteria, permitindo ao seu público diverso usufruir do museu da forma mais ampla e completa possível. O edifício seria dedicado exclusivamente à visita pública, com exposições e espaços de fruição visual de sua arquitetura monumental, plenamente integrado ao conjunto urbanístico do Parque da Independência.

A segunda etapa consiste no desenvolvimento do programa de necessidades e estudo de viabilidade para a construção de um novo edifício destinado a abrigar o local de guarda das coleções (as reservas técnicas) e as atividades correlatas à pesquisa, ensino e conservação – o Núcleo de Pesquisa, Ensino e Preservação do Museu Paulista. Esse novo edifício viabilizaria a desocupação total dos sete imóveis que foram alugados para esvaziar o edifício do museu para as obras.

Dessa forma, as principais ações tomadas para a concretização da primeira etapa do Plano foram:

- a) a realização de um concurso público de arquitetura para seleção de um projeto para o Museu e a contratação do projeto vencedor para desenvolvimento do projeto executivo (2017-2019);
- b) a elaboração de um novo programa de exposições, a fim de ampliar o acesso do público aos acervos e a externalização dos resultados das pesquisas realizadas no Museu (2018-2020); e
- c) a formulação de propostas para captação de recursos da iniciativa privada, tanto para a realização das obras de modernização e restauro do museu (2018-2019), quanto para a implementação das exposições (2019-2021).

O projeto arquitetônico vencedor do concurso público, do escritório H+F (arquitetos Pablo Herenu e Eduardo Ferroni), atendia plenamente ao programa de necessidades do Museu, agregando uma qualidade espacial excepcional ao edifício, criando novo acesso pela área de ampliação, no nível do jardim (figura 4), com condições para melhor acolhimento do público visitante (espaço para café, lojinha, salas de atividades educativas para crianças e sanitários), assim como das atividades acadêmicas e culturais a serem promovidas pelo Museu Paulista (salas de aula, auditório, sala para exposições temporárias, etc.) (Figuras 5 e 6). As propostas dos arquitetos para a modernização do edifício existente contemplavam a melhoria dos fluxos das visitas, com novas aberturas e interligações, assim como a acessibilidade em todas as áreas por meio de elevadores e plataformas, além da criação de novas áreas, como o Mirante, que proporciona uma bela vista de parte da cidade de São Paulo (Figura 7).

Uma das grandes preocupações dos gestores do Museu era a segurança contra incêndio do edifício e, no novo projeto, contemplaram-se modernas medidas de proteção (sistemas de detecção e supressão automáticos de incêndio e de cortinas corta-fogo para evitar a propagação das chamas), para que tragédias como as ocorridas no Museu da Língua Portuguesa e no Museu Nacional do Rio de Janeiro não tivessem espaço no edifício do Ipiranga. As soluções espaciais e de instalações adotadas para proteção contra incêndio do edifício do Museu servirão de parâmetro para a renovação e modernização de outros edifícios históricos de grande porte neste país, pois foi possível provar que as limitações trazidas pelos órgãos de proteção ao patrimônio a

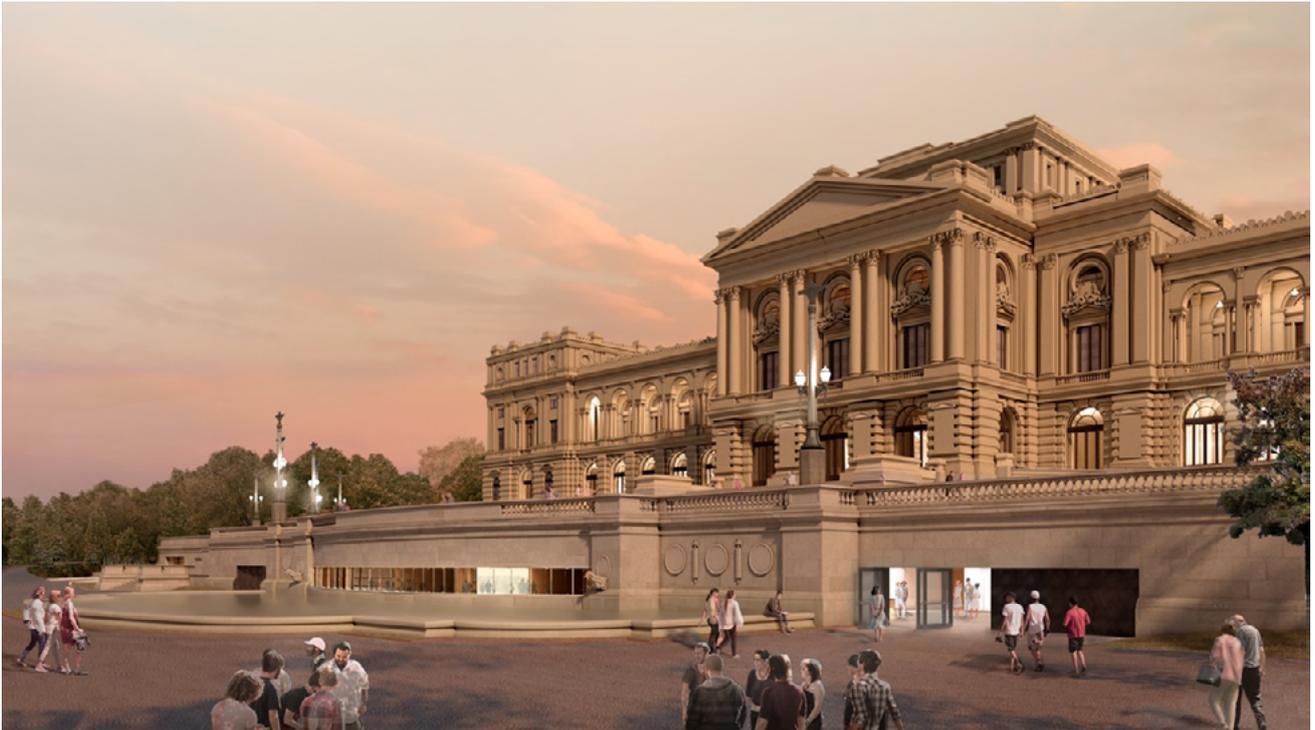


Figura 4 – Vista do Museu com novo acesso do público pelo nível do jardim



Figura 5 – Vistas do espaço para acolhimento, com loja e café, na área da ampliação



Figura 6 – Vistas do auditório (esquerda) e da sala de exposições temporárias (direita), na área da ampliação

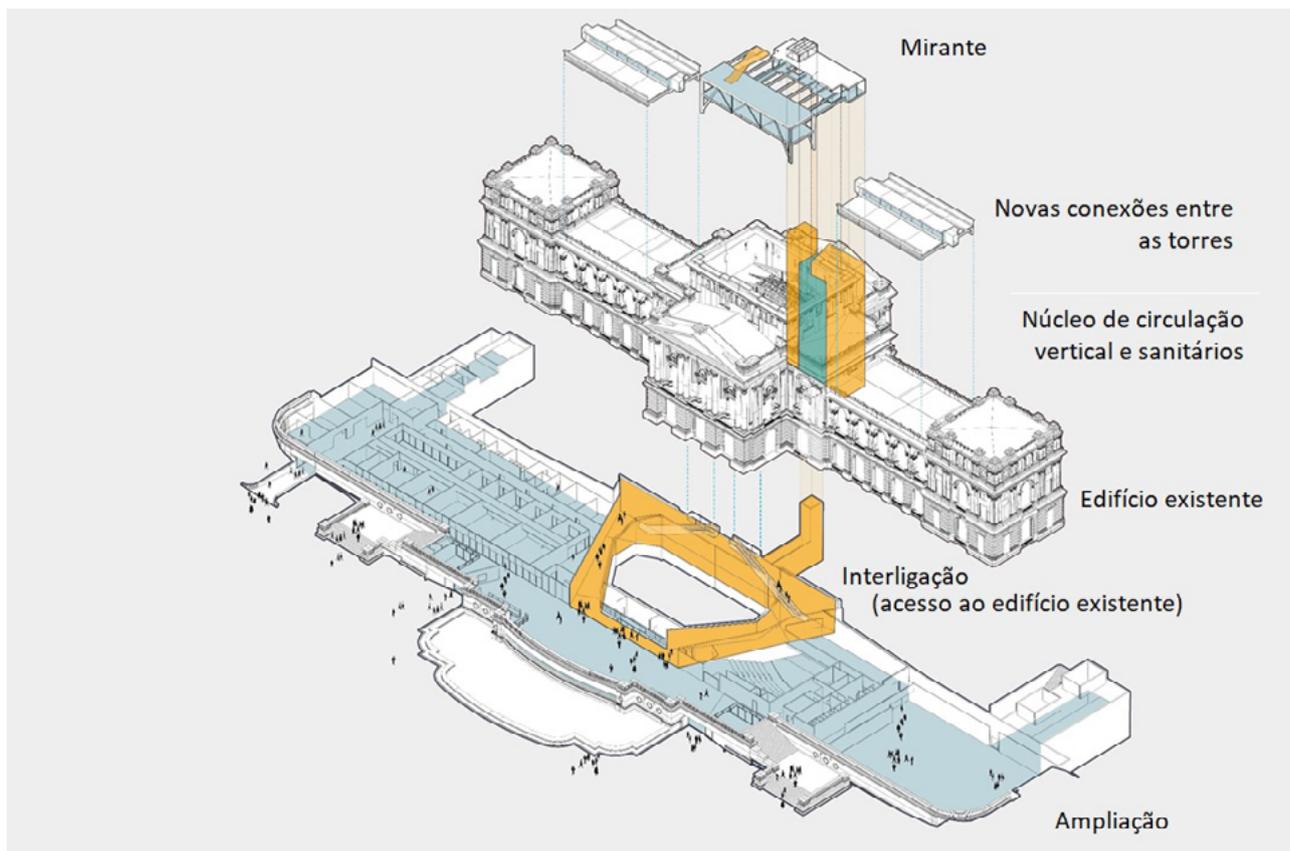


Figura 7 – Esquema geral do projeto vencedor do concurso

novas intervenções podem ser superadas quando o projeto é bem compreendido e as medidas são adequadamente projetadas.

Além do projeto arquitetônico, que resolve as questões de acessibilidade do público ao edifício e a seus espaços internos, o projeto museográfico das mais de 40 salas expositivas conta com vários recursos inovadores de acessibilidade, tanto na comunicação visual e sonora quanto na tátil, com o objetivo de atingir o público mais amplo possível.

Em 2019, o Museu Paulista resolve assumir, para o seu edifício-sede no Ipiranga, a denominação pela qual o edifício, até então chamado institucionalmente de Edifício-Monumento, já era conhecido pela população em geral, ou seja, **Museu do Ipiranga**. Assim, o projeto em curso passa a se denominar **Projeto Novo Museu do Ipiranga**.

## 5. A reabertura em 2022 e a visão de futuro

A partir da reabertura do Museu, nas comemorações do Bicentenário da Independência, o público encontrará, além do edifício restaurado e dos novos espaços de acesso e acolhimento, 11 exposições temáticas, de média e longa duração, distribuídas nas mais de 40 salas do edifício histórico, já mencionadas, além de uma exposição temporária na área da ampliação.

As exposições estão organizadas em dois grandes eixos, denominados, respectivamente, **Eixo 1: Para entender o Museu** e **Eixo 2: Para entender a sociedade**.

O **Eixo 1** tem como objetivo apresentar como funciona um museu, quais as atividades de curadoria e especialidades profissionais envolvidas, mobilizando as coleções para tanto. São cinco exposições, a saber:

**a) Para entender o Museu:** conta a história do Museu, suas coleções e do edifício;

**b) Coletar: Imagens e objetos.** Explica o processo de aquisição das coleções do Museu, por meio do acervo de imagens;

**c) Catalogar: Moedas e medalhas.** Apresenta como as coleções são organizadas no Museu, por meio do seu acervo de moedas e medalhas históricas;

**d) Conservar: Brinquedos.** Explana como as coleções são tratadas para retardar sua degradação natural no Museu, por meio da sua coleção de brinquedos;

**e) Comunicar: Louças.** Apresenta as formas de expor as coleções do Museu, por meio do seu acervo de louças.

O **Eixo 2** mobiliza as coleções do Museu em exposições que tratam de temáticas sociais:

**a) Uma história do Brasil.** Discute a narrativa criada por Taunay ao longo do Eixo Monumental de 1922;

**b) Passados imaginados.** Contextualiza e discute a produção pictórica que representa fatos da história do Brasil;

**c) Territórios em disputa.** Discute os símbolos e marcos territoriais criados pelos colonizadores, assim como as terras conquistadas;

**d) Mundos do trabalho.** Apresenta as transformações do trabalho ao longo da história, desde as atividades extrativistas até os ofícios urbanos, passando pela agricultura, de um país em transformação;

**e) Casas e coisas.** Discute o espaço doméstico brasileiro e a produção cultural dos gêneros masculino e feminino na decoração de interiores e no espaço do trabalho;

**f) A cidade vista de cima:** Apresenta a possibilidade de confrontar a vista panorâmica possível a partir do mirante do Museu com imagens fotográficas históricas do processo de urbanização do bairro do Ipiranga.

A exposição temporária que se denomina **Memórias da Independência**, instalada no novo espaço dedicado às exposições de curta duração, contará predominantemente com acervos de outras instituições para discutir os vários movimentos que fizeram parte do processo de Independência pelo país, que vão muito além do grito do Ipiranga.

As 12 exposições previstas mobilizam mais de 4.000 itens das coleções do Museu.

A reabertura do Museu do Ipiranga traz um grande desafio, que é o de garantir a sua sustentabilidade financeira. Para tanto, a operação do Museu do Ipiranga terá uma gestão inovadora, e que deverá contar com uma diversificação de fontes de receitas próprias, além da ampliação da captação de recursos externos por meio de projetos diversos no campo da inovação, do licenciamento de produtos e de rendas provenientes de outros serviços. Assim, o Museu Paulista compartilhará a gestão do equipamento Museu do Ipiranga com um ente privado – a Fundação de Apoio ao Museu Paulista. Essa entidade atuará de forma complementar à gestão da Universidade de São Paulo, sendo que esta última seguirá responsável pelos recursos para arcar com as equipes acadêmicas e técnicas, além de cobrir o custeio básico da instituição.

A gestão conjunta de um equipamento que dobrará sua área construída, e que deverá inovar sempre, para poder atrair tanto um público visitante crescente quanto as instituições parceiras/patrocinadoras, é inédita na universidade e representa uma nova e desafiadora etapa na história dessa centenária instituição.

## Referências bibliográficas

BARBUY, Heloisa (org.). **Museu Paulista: Um monumento no Ipiranga** (história de um edifício centenário e de sua recuperação). Federação e Centro de Indústrias das Indústrias do Estado de São Paulo, 1997.

ELIAS, Maria José. **Museu Paulista: Memória e história**. 1996. 2v. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

FERRONI, Eduardo; HEREÑÚ, Pablo; MARINS, Paulo César Garcez; MOTTA, Renata Vieira da; LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. A preparação do Museu do Ipiranga para o Bicentenário da Independência em 2022. **Revista Restauro**, v.4, n.7 (2020) Jan.-Jun. 2020. Disponível em: <http://revistarestauro.com.br/a-preparacao-do-museu-do-ipiranga-para-o-bicentenario-da-independencia-em-2022/>

FLYNN, Maria Helena. **Notas e Depoimentos: Concursos públicos para o monumento do Ipiranga**. In *Às Margens do Ipiranga: 1890-1990* [S.l: s.n.], 1990, p.14.

GUILHOTTI, Ana Cristina; LIMA, Solange Ferraz de. **Cronologia**. In *Às Margens do Ipiranga: 1890-1990* [S.l: s.n.], 1990, p.7-8.

LEMOS, Carlos. **Notas e Depoimentos: O projeto de Bezzi e a arquitetura do século XIX em São Paulo**. In *Às Margens do Ipiranga: 1890-1990* [S.l: s.n.], 1990, p.15.

LOPES, Maria Margaret; FIGUEIRÔA, Silvia Fernanda de Mendonça. A criação do Museu Paulista na correspondência de Hermann von Ihering (1850- 1930). **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 10-11, n. 1, p. 23-35, 2003.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de; GUILHOTTI, Ana Cristina; LIMA, Solange Ferraz de. **Margens do ipiranga: um monumento - museu**. In *Às Margens do Ipiranga: 1890-1990* [S.l: s.n.], 1990, p.9-12.

OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. **Museu Paulista da USP: percursos e desafios**. *Estudos Avançados*, 25 (73), 2011, p. 229 – 240.

SÃO PAULO (Estado). Assembleia Legislativa. **A construção do museu do Ipiranga e o Legislativo Paulista**. São Paulo: Assembleia Legislativa – Divisão de Acervo Histórico, 2004. Disponível em <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=312863> (acesso em 30/01/2022).

SÃO PAULO (Estado). Decreto n.249 de 26 de julho de 1894. Aprova o regulamento do Museu do Estado, para execução da Lei nº 200, de 29 de agosto de 1893.

SÃO PAULO (Estado). Lei N. 192, de 26 de agosto de 1893a. Resolve sobre a utilização do Monumento do Ypiranga.

SÃO PAULO (Estado). Lei N. 200, de 29 de agosto de 1893b. Autoriza o governo a organizar o Museu do Estado.

TOLEDO, Benedito Lima. **Notas e Depoimentos: Museu Paulista - A imagem difundida**. In *Às Margens do Ipiranga: 1890-1990* [S.l: s.n.], 1990, p.25.